

VALONGO (Alfena)

A ponte de São Lázaro, alçada sobre o rio Leça, situa-se no distrito do Porto, município de Valongo, freguesia de Alfena. Localiza-se a 17 km a nordeste da cidade do Porto sendo acessível a partir desta pela N13, no sentido Maia, e pela A41, no sentido de Sobrado. Nesta autoestrada deve tomar-se a saída 7 para a N105 (Ermesinde/Alfena) e seguir por esta via até à rua Nova de Alfena, entrando na rua de São Lázaro, que cruza a ponte.

Ponte de São Lázaro

A PONTE, EM CANTARIA DE GRANITO, apresenta traçado reto, com tabuleiro em dupla pendente, assente em 2 vãos de diferentes dimensões, um maior, central e outro, menor, encostado à margem direita. São ambos os arcos de volta perfeita, embora de desenho irregular. Ao arco menor pode atribuir-se a designação de olhal e a função de diminuir a vazão que, em tempo de cheia, acometeria contra a face montante da ponte, forte corrente com detritos.

A extensão do tabuleiro é de 26 m, sendo a bitola do mesmo, medida entre as guardas, de 2,5 m de largo. A altura máxima, obtida a partir da corrente até ao ponto mais elevado do tabuleiro é de 4 m.

Ainda do ponto de vista morfológico, a ponte apresenta aparelho irregular e aduelas estreitas nos arcos sem sinais de cimbramento. A via sobre o tabuleiro é pavimentada com lajes de granito de dimensão regular, esquadriadas, entre guardas do mesmo material e sem passeios, edificado que decorre das intervenções ocorridas em 1994. Antes deste ano a travessia encontrava-se em avançado estado de ruína, sem guardas e apresentando-se na iminência de desmoronamento. Do trabalho de conservação e restauro resultou relatório que apresenta interessantes conclusões sobre o processo construtivo e reconstrutivo da travessia que, alçada numa zona chã, deverá ter sofrido com enchentes e consequente deterioração da estrutura – o que

Reprodução de bilhete-postal ilustrado, circulado (1909) a partir de fotografia de Domingos Alvão. Início do século XX (Coleção de Nuno Resende)



poderá ter obrigado a várias reedificações e possivelmente obrigado à abertura do olhal.

Ainda no decurso da referida intervenção, que incluiu o realinhamento de alguns silhares, o preenchimento de juntas, a repavimentação do tabuleiro e a reconstituição das guardas, resultou a identificação de pedras sigladas, a descoberta de um bloco almofadado romano e de duas estelas funerárias, utilizadas na edificação (ou reedificação) da travessia. Os autores do relatório associam o tipo idêntico de – siglas, podomorfos e cruciformes” às da ponte da Ranha, Mondim de Basto.

A ponte foi alçada no curso intermédio do rio Leça, entre dois meandros, numa zona aberta do vale de margens chãs. Encontra-se implantada a 95 metros de altitude em sítio hoje periurbano, num enquadramento paisagístico de matriz ainda rural, não obstante o avanço de intensiva urbanização. Apesar da forma em cavalete, que projecta ligeiramente na vertical o tabuleiro sobre o arco, a ponte de São Lázaro quase não se revela na paisagem, constituindo discreta travessia entre as margens do rio Leça.

Trata-se, pois, de um exemplar de travessia pétreia de pequena escala, tendo em consideração o arco único e as suas dimensões, quando comparadas com outras travessias medievais, de múltiplos arcos sobre rios de vales abertos ou grande caudal (ver os exemplos de Ponte de Lima e Lagoncinha). Tais características podem explicar a sua posição e importância local, ao contrário de outras edificações contemporâneas que serviriam um território maior.

Nas Inquirições de 1258 é referido pelas testemunhas locais que a vila chamada de Alfena, cuja paróquia

era titulada de São Vicente estava dividida em duas partes, a partir de uma estrada: *quod tota villa de Alfena per medietatem strate de una parte est terminis Ferrarie, et alia medietas est terminis ville que vocatur Traslecia contra Trasleciam* acrescentando-se que: *quod tota villa Alfene est Leprosorum*. Estes dois elementos, a via e a leprosaria, parecem apontar (embora a fonte seja a esse respeito omissa) para que no século XIII pudesse já existir uma importante travessia, tanto mais que a referida estrada parece acompanhar o curso do Leça que dividia, e ainda hoje divide a freguesia em duas metades, a norte a zona da Ferraria e a sul, Transleça, como indicado nas referidas inquirições.

Na reconstituição que Carlos Alberto Ferreira de Almeida fez das vias medievais do Entre Douro e Minho este autor coloca a ponte de São Lázaro num dos dois itinerários que conduziam do Porto a Guimarães, neste caso o que cruzava Santo Tirso (a outra via passava em Famalicão). E faz longa apreciação sobre o lugar no qual destaca a notável gafaria, instituição com bens em Unhão, Felgueiras, Lousada, etc. Esta gafaria, como outras que se espalhavam por Portugal medieval encontrav-se em lugares apartados ou periféricos às povoações, mas junto a vias de comunicação, como forma de assegurar rendimentos através de esmolas e doações misericordiosas.

Talvez assim se possa compreender, na esfera da gafaria de Alfena, a edificação da ponte de São Lázaro. A existência de uma travessia segura, sobre um rio que, não obstante o seu reduzido caudal, obrigaria a passagens a vau ou sobre estruturas temporárias ou transitórias (talvez em madeira), canalizaria para aí o trânsito disperso. Os poderosos e as

Vista a montante. Perspetiva geral da ponte





Vista a jusante.
Perfil da ponte

instituições da Idade Média viram na construção de pontes e noutras formas de travessia dos rios, fontes de rendimento que, no entanto, para viandantes e vizinhos constituíam, em alguns casos, tributações e pesados encargos.

De facto, o *leprosorum* de Alfena, instituição certamente fundada na ideia de caridade e de assistência parece ter sido importante origem de rendimentos, como sugere a documentação medieval e moderna, dependendo uma parte deles, talvez, como já aventámos, do trânsito de pessoas e bens pela região onde até ao século XII, segundo refere Ferreira de Almeida, teria existido uma importante feira.

Aliás, no volume primeiro da "Historia seráfica da ordem dos frades menores de S. Francisco", de frei Manuel da Esperança, este cronista dá-nos uma importante descrição destas leprosarias:

"Chamou-se casas de ordem a estes dous hospitaes, não só porque a de S. Lazaro, da qual não achamos aqui rastro, florescesse então nelles, mas porque o seu governo andava bem ordenado, & parecião conventos de gente religiosa, o qual nome de convento lhe dão algumas das escrituras antigas, por estarem os leprosos [sic] congregados entre si, e separados do Porto."

E acrescenta, referindo-se a Alfena, que, a 7 de abril de 1311, os gafos desta localidade, "fizeram certo prazo de hua herdade sua", testemunho da sua qualidade agremiativa e da capacidade para, enquanto comunidade, realizarem

actos jurídicos. Mário Barroca indica para o século XIII, na esfera do não muito distante mosteiro de Santo Tirso a doação de D. Alda Vasques de Soverosa à leprosaria de Alfena. De resto, honravam os gafos uma vila em Paço de Alfena, por doação que lhes deixara D. João Pires da Maia, como se refere numa inquirição de D. Dinis de 1307, citada pelos autores da monografia da freguesia, Domingos Moreira e Nuno Cardoso. As referências à gafaria e à ponte prosseguem na memorialística e na documentação da época moderna. No século XVII, e segundo Alão de Morais era administrador do hospital de São Lázaro de Alfena, o nobre João Pinto Coelho, sinal que a instituição perdurara para além da medievalidade e teria ainda proventos sempre apetecíveis à nobreza portuguesa. Em, 1706, na sua "Corografia Portuguesa", o padre António Carvalho da Costa diz que havia em Alfena "hum Hospital de Lazaros, em que sustentão quatro, & cada hum se dá cada somana tres quartas de pão, & em cada huma de quatro festas do anno se lhes dá hum alqueire de trigo, & hum almude de vinho a cada hum de mais, & mais da ordinaria, & hum carro de lenha, & campo para hortas", sendo ainda administrador do mesmo hospital o referido João Pinto Coelho.

No primeiro volume do *Diccionario Geografico*, organizado pelo padre Luiz Cardoso em 1747, vem um longo verbete sobre Alfena que, entre outros aspetos pitorescos e lendários, salienta o carácter unilinear da povoação e a mudança do trânsito pelo lugar por volta de 1711:



Vista a jusante. Pormenor dos vãos

"[Alfena] tem huma rua, que corre de Norte a Sul, em espaço de mil passos pouco mais, ou menos, estrada, que foy de muita concorrência para a Cidade do Porto, Villa de Guimaraens, e Provincia de Traz os Montes; porém haverá trinta e seis annos se cortou esta estrada por detraz da dita rua para a parte do Occidente, por ser mais breve e limpa, e os moradores do lugar de Vallongo, distante desta Freguesia huma legua, ainda fazem peloa dia rua passagem publica."

O padre Luiz Cardoso assinala, também, entre as ermidas da freguesia, duas nas imediações da ponte, uma em cada margem: para quem vinha de Guimarães encontrava a da Senhora da Ponte e vindo do Porto, a de São Lázaro, junto de qual estavam as casas do Hospital, mas "já arruinadas". Este memorialista indica já outro administrador, António Luís Pinto e narra como à dita ermida vinham, em procissão, na quinta Dominga de Quaresma, muitas gentes dos concelhos da Maia e Refojos, com suas cruzes.

Quase dez anos depois o reitor de Alfena responde ao inquérito de 1758 esclarecendo sobre o estado ruinoso do Hospital, que diz "alagado" devido à incúria do administrador "que hé o senhor da Casa de Simões", assinalando ainda a existência de uma albergaria anexa instituída por um lavrador da freguesia, "com obrigação de dar pousadas a alguns pobres que vão de passagem", tudo associado ou nas imediações da ponte. O tom crítico da memória revela-nos que a instituição florescente da Idade Média estava decadente, devida à má gestão dos seus administradores, mas decerto, também, como resultado da progressiva debelação da doença da lepra e da alteração dos hábitos segregacionistas em relação aos leprosos. Mas não podemos deixar de acrescentar, também, a tais fatores, um outro, o da alteração dos itinerários de circulação, como indicado na obra do padre António Carvalho da Costa, tudo causas



Vista a jusante. Pormenor do vão maior

que devem ter contribuído para o abandono progressivo da velha gafaria e da ponte de Alfena.

No século XIX e nos primeiros anos do século XX, à luz de um romantismo tardio, a ponte de São Lázaro de Alfena, quase em ruína, constituía um dos tópicos da fotografia do pitoresco, que Domingos Alvão, o mais pictorialista dos fotógrafos portugueses, captou para a edição de um bilhete-postal ilustrado, retocado a cor.

Depois da construção da ponte do Penteeiro, a jusante, sobre o rio Leça, destinada ao trânsito automóvel, a ponte de São Lázaro, reduziu a sua função à de elemento do imaginário local e monumento, categoria traduzida no Decreto n.º 129/77 que a classificou como *Imóvel de Valor Concelhio*.

Texto: NR - Fotos: NR/JNC

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1968, pp. 73 e 172; ALMEIDA, C.A.F., 1973b; BARROCA, M.J., 2000a, II, p. 762; CARDOSO, L., 1747-51, I, pp. 274-276; COSTA, A.C., 1706-12, I, pp. 371-372; ESPERANÇA, M., 1656, I, p. 173; LOPES, A.B. *et alii*, 1994, pp. 161-169; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 88 e 297-298; MORAIS, C.A. *et alii*, 1673; MOREIRA, D. e CARDOSO, N., 1973; PMH, INQ., pp. 506-507.